



FALAÇÃO MAIS UM METRE ESTADO TODOS INTERDITADOS MESMO

Falação

Tudo se passa, diariamente, no trajeto da Linha S, transporte coletivo que desloca letras, 24 horas por dia, do “Largo da ordem” à “Praça da Insurgência”. Dentro e fora as vozes e os assuntos se misturam em oscilações prolongadas da arte na arte, da vida na vida, da arte na vida, da vida na arte e além. Essas idas e vindas estão relatadas nas partes itinerantes deste boletim, os percursos.

O tempo aproximado do trajeto é de uma hora. Instintivamente, com certa periodicidade, as vozes fazem esse itinerário, de idas e de voltas, com eventuais desvios na Servidão do Desconhecido. Nele proliferam as falações. (Uma falação é tanto uma fala como ação quanto uma fala como sobreposições de vozes). Uma letra-voz embarca na altura do pretexto, outra na altura do contexto, outra do rodapé, outra desce...

Mais adiante, nada mais embarcar, algumas letras “escrevedoras” e outras “reprodutoras” alimentam, no interior da Linha S, um *bate-boca-bate* sobre as prerrogativas das vozes letristas. Ambos os grupos (das “escrevedoras” e das “reprodutoras”), cada um a sua maneira, descrevem um curioso personagem chamado “autor”.

Uma delas comenta estranhar o caso de certas letras, meio escrevedoras meio reprodutoras, quererem que seus personagens, os autores, sejam identificados com nome próprio encarnado. Assim fazendo, acredita ela, esse personagem teria vantagem mandatária sobre as outras letras vozes da falação. Seria uma vez mais uma voz que se coloca fora dos artificios por ela mesma ensejada. Seria um personagem autor, um intermediário, se beneficiando, dentro da *ficção* cons-

truída, de sua condição como “regente” das outras letras vozes. Com essa manobra, ancorada em princípios aparentemente democráticos – acusa uma letra desconhecida – elimina-se rasgos arcaicos do compositor (o autor rei) para continuar instituindo personagens autorais que governam soberanamente a ficção como um regente (o autor primeiro ministro) no mundo das vozes subalternas.

Um conjunto de letras ouvintes amontoadas no corredor do coletivo, aproveitando o assunto levantado pelas letras escrevedoras, passam a se queixar publicamente. As *queixosas* contam que são deliberadamente escravizadas ou cuidadosamente apropriadas (citadas) em nome de alguma consideração conceitual atribuída aos personagens autores.

A propósito, para K (letra do grupo das reprodutoras que atentamente assistia aos rumores) “samplear e citar não passam de maneiras elegantes de apropriação”. As letras queixosas, ao ouvir K, vão mais longe e anunciam que para elas a apropriação é apenas uma forma polida de plágio. A tentativa de separar apropriação de plágio deriva da mesma ideia policialesca que, com intuito de criminalizar, separa “nu artístico” e pornografia, grafite (outra arte) e pichação (outra pornografia). A política (submissão ao real) ameaça o político (invenção do real).

K não entende muito bem o que pretende as letras lamuriosas com suas conspirações e retoma a conversa sobre apropriação fazendo a seguinte observação: “A informação é como um banco. Nosso trabalho [como letras reprodutoras] é roubar esse banco”. Uma das letras abolicionistas responde para

K que, para as letras escravizadas – tanto pelas letras escrevedoras quanto pelas letras recopiadoras –, a indigência do plágio, como estratégia apropriação radical, não é o roubo – não é a desapropriação latifundiária da linguagem –, isso é sua força. Para ela, a pobreza da apropriação e do plágio é a sobrevalorização proprietária (autoral) do intermediário.

No mundo de hoje, por que haveríamos de preservar a figura do autor ainda que transmutado em reproduzidor? Em muitos casos e em muitos dispositivos (ficcionais) o intermediário (reprodutor), por suas supostas benesses *compartilhacionistas* rejeita qualquer questionamento da transferência proprietária. Qualquer fala nesse sentido é interpretada como defesa de rasgos autoritários da autoria originária. No entanto, ainda que mascaradamente, age como pseudoproprietário das palavras. Nesse caso a relação autoral migra do conteúdo para os aparatos.

Ora, afinal, o intermediário, como sabemos, opera dentro da mesma lógica do crescente mercado de serviços aparelhado pela onipresente máquina de distribuição. Procurando eliminar as amarras dos agentes produtores, as letras reproduzidoras decretam a morte do autor, mas, no entanto esquecem que no mundo de hoje, de hoje de muito tempo, é mais, e cada vez mais autor quem “distribui” e não quem fabrica. Esquece assim de “matar” o verdadeiro autor contemporâneo, o atravessador.

G, uma letra muito astuta, defende que “a apropriação não garante um ponto de vista crítico ou sequer reflexivo”. Muitas das vezes reproduzidores fazem uso de uma “retórica que transfere o poder” autoral, não para as vozes participantes, “mas para o meio/instrumento, deixando o espectador/leitor/público e também o sujeito/objeto apropriado (que podem ser os mesmos) em condições similares ao sistema anterior” que, baseado em prerrogativas de domínio autoral (técnico, criativo e proprietário), apresenta como alicerce o domínio corporativo e sobrenatural da classe intelectual produtora.

Num ponto todas as letras parecem de acordo, se de fato estamos interessados em estabelecer uma partilha, uso e apropriação coletiva de todas as vozes, não é matando o autor como produtor e o substituindo pelo autor como atravessador (os principais enriquecedores, tanto do ponto de vista econômico quanto do ponto de vista “simbólico” do mundo dos serviços baseado na lógica pseudodemocrática da distribuição consumista) que chegaremos a um enfraquecimento da voz regente.

Vide o caso: S apropriou-se do termo *desconstrução* de J, como M se apropriou – faz cem anos – de um utensílio sanitário de R. Ambos com seus atos de apropriação desapropriaram (reconfiguraram) o objeto/conceito apropriado. Agora, de quem é a propriedade desapropriada, de S ou de J? De M ou de R? Um pouco de ambas? Ou de nenhuma?

Dizemos essas palavras por pura falação. Afinal, que letra capciosa confundiria a apropriação com “um dogma do flexível capitalismo contemporâneo”? Quem acreditaria que na era pós-escravista – na qual a individualidade criativa do produtor foi substituída pela criatividade compartilhada do reproduzidor – haja alguma dúvida, entre as letras escrevedoras e as letras recopiadoras, sobre os benefícios democráticos

da apropriação e do plágio como estratégias contemporâneas de desapropriação e redistribuição?

Readymade recíproco e barricadas. Pedras zumbem, o patrimônio desafia o patrimônio (“um discurso oficial utilizado para refutar uma ação sendo usado pela mesma ação para refutar o discurso”). De repente uma interdição... (Um e três estados: estado democrático, estado de direito estado de-voto). Por favor, condutora, esse é meu ponto. Imagino que seja. No meu turno, minhas atribuições estão previamente colocadas: “levar letras de um lugar para outro”. Letras de qualquer tamanho, letras de qualquer tipo (grafia), letras falantes, letras ouvintes, letras escrevedoras, letras reproduzidoras, letras ocupadas e letras desocupadas.

S - adjunto da repartição

Silfarlem Oliveira é montador, artista e pesquisador. Desde 2005 trabalha com o mesmo. Atualmente, é doutorando no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da UDESC e participa do grupo de pesquisa Proposições artísticas contemporâneas e seus processos experimentais.